



ELAS RESISTEM: FUTEBOL DE MULHERES COMO TEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Cecília Ramos Scaquetti

Técnica no curso de Informática Integrado ao Ensino Médio
Instituto Federal de São Paulo, Jacareí, SP, Brasil
ceciliarascquetti@gmail.com

Daniel Teixeira Maldonado

Doutor em Educação Física, docente EBTT
Instituto Federal de São Paulo, Jacareí, SP, Brasil
danielmaldonado@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo desse estudo foi compreender o processo de resistência das mulheres que vivenciaram o futebol no território brasileiro, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física escolar. Realizamos uma análise documental nos dados disponíveis no Museu do Futebol na cidade de São Paulo. A investigação foi efetuada no espaço físico e em reportagens virtuais. O material empírico foi submetido à análise temática. O museu tem se tornado um espaço educativo potente para preservar e problematizar a história do futebol de mulheres. Ao tematizar essa manifestação da cultura corporal nas aulas de Educação Física, os(as) docentes do componente curricular podem ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes sobre esse tema, analisando criticamente as relações de gênero que atravessam as práticas corporais na sociedade contemporânea, pois a estrutura social ainda relega as jogadoras um lugar esquecido nas memórias da população.

Palavras-chave: educação física escolar; futebol de mulheres; relações de gênero; histórias de resistência.

THEY RESIST: WOMEN'S SOCCER AS A THEME OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Abstract

The objective of this study was to understand the process of resistance of women who experienced football in Brazil, with the intention of producing knowledge that can be problematized in Physical Education classes. We conducted a documentary analysis of data available at the Football Museum in the city of São Paulo. The research was conducted in the physical space and through online reports. The empirical material was subjected to thematic analysis. The museum has become a powerful educational space for preserving and problematizing the history of women's football. By addressing this manifestation of body



culture in Physical Education classes, Physical Education teachers can broaden students' understanding of the world on this topic, critically analyzing the gender relations that permeate bodily practices in contemporary society, as social structures still relegate female players to a forgotten place in the population's memory.

Keywords: school physical education; women's football; gender relations; stories of resistance.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a área de Educação Física foi colonizada (Formoso, 2022; Souza, 2022) por um discurso biologizante e acrítico, apresentando uma perspectiva de corpo máquina, padrões de movimento elitizados, rendimento elevado e exclusão (Medina, 1986). Após um processo de renovação, principalmente na década de 1980, com o advento das teorias educacionais críticas, passa-se a se defender a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física escolar (Bracht; González, 2014), possibilitando o debate sobre uma práxis dos(as) docentes desse componente curricular que levasse em consideração os interesses e a produção cultural dos grupos subalternizados e oprimidos (Cavalcanti, 2022).

As práticas corporais podem ser compreendidas como uma parcela da cultura mais ampla que contempla todos os saberes e representações relacionados com as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras (Neira, 2014). Dessa forma, as aulas de Educação Física ganham novos sentidos e significados, pois a sua função social passa a ser ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes sobre os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade relacionados com essas manifestações culturais, enfatizando a construção de uma sociedade com justiça social (Bossle, 2021).

Dentre muitas práticas da cultura corporal marginalizadas na sociedade capitalista, o futebol de mulheres no Brasil é um dos temas que mais aparecem nas publicações contemporâneas (Alcântara *et al.*, 2024; Almeida, 2019; Biran, 2021; Martins; Silva; Vasquez, 2021), principalmente por conta dos processos de descontinuidades do aparato legislativo e das políticas públicas brasileiras, resistências das jogadoras para continuar vivendo de uma modalidade esportiva desvalorizada e resiliências delas com o intuito de lutar pelo esporte, mesmo com tantos assédios e adversidades sofridas diariamente (Goellner, 2021).

Nesse cenário, dialogamos com Nicolino, Oliveira e Rosa (2024), quando as autoras mencionam que é preciso entrar em campo, driblar as desigualdades e golear as opressões quando problematizamos a realidade das pessoas do gênero feminino que praticam futebol.



Por conta das questões apontadas, entende-se que é relevante analisar o processo de resistência das mulheres que jogaram futebol em um cenário de proibição e, mais recentemente, de completa desvalorização, na perspectiva de produzir conhecimentos potentes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física escolar em uma perspectiva crítica e politizada.

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi compreender o processo de resistência das mulheres que vivenciaram o futebol no território brasileiro, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física escolar.

2 MÉTODO

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009). Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas ou desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos, de imagens ou de vídeos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória, pois existem sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção (Flick, 2009).

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados disponíveis no Museu do Futebol na cidade de São Paulo e no site da respectiva instituição. Após passar por uma ampla reforma, o museu reabriu no ano de 2024, com diversos espaços que apresentam a história do futebol de mulheres no Brasil, como é possível observar no site¹.

A investigação foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todo material relacionado com o futebol de mulheres no museu do futebol; 2. Localização desses materiais; 3. Seleção das informações que foram utilizadas na pesquisa; 4. Registro fotográfico e no diário do campo de todos os conhecimentos sobre o futebol de mulheres no espaço educativo e no site da instituição; 5. Análise Temática.

Quanto aos materiais exclusivamente digitais, o projeto encontrou nas plataformas do Acervo e do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) a possibilidade de acessar exposições já encerradas, entrevistas, podcasts, exposições virtuais exclusivas, entre outros diversos tipos de documentos. Ao entrar no campo das exposições que a instituição já fez,

¹ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>

tivemos acesso a 11 realmente focadas no futebol de mulheres. Posteriormente às análises do conteúdo digital, a equipe do projeto explorou presencialmente o espaço físico do museu, no dia 23/05/2025, documentando todas as menções feitas ao futebol de mulheres. Neste aspecto, levantaram-se cerca de 158 registros especificamente sobre o tema.

O material empírico foi submetido à análise temática, que forneceu uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre a temática em tela, após um constante movimento de reflexão crítica (Braun; Clarke, 2006). As três categorias temáticas produzidas foram: o futebol de mulheres como espaço de resistência e luta; futebol de mulheres no Brasil: da proibição à participação nas Copas do Mundo; e práticas corporais marginalizadas na Educação Física escolar: as mulheres contra-atacam.

3 O FUTEBOL DE MULHERES COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E LUTA

O futebol feminino perpassa a história mundial, paralelamente ao masculino, escondido e ignorado por muito tempo. Essa prática corporal, porém, foi muito mais que um esporte e suas atletas: o futebol de mulheres mostra a relação de toda uma sociedade com uma parte de sua população – as mulheres – e como essas, em resposta, se recriaram. Na presente categoria temática, os materiais encontrados remontam como o Museu do Futebol desenvolve suas exposições em busca de trazer visibilidade para o esporte e essa face da história.

O espaço surgiu no ano de 2008, localizado na parte de trás das arquibancadas do Estádio do Pacaembu (Paulo Machado de Carvalho), com o objetivo de pensar e preservar as diversas histórias do futebol brasileiro. Observando para além das técnicas, dos troféus e das chuteiras, a instituição também busca olhar para o que este esporte criou e cria nas sociedades por todo o mundo, especialmente sobre como essa manifestação da cultura corporal se faz um ingrediente fundamental da cultura brasileira. Para realizar esse trabalho de conservação e celebração, formou-se em 2013 o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), que engloba o Acervo, MEDIATECA e a primeira Biblioteca Pública sobre essa prática corporal em todo o planeta.

Ações de reconhecimento de outras diversas faces do futebol são feitas a partir de uma investigação das memórias, resultando em exposições virtuais como “Visibilidade para o Futebol Feminino” (Cardoso *et al.*, 2015) e “Contra-Ataque: As Mulheres do Futebol” (2019), que englobavam mais o foco deste projeto. No total, o Acervo e a Biblioteca reuniram no momento da investigação 15.593 itens entre catálogos, livros, documentos, imagens, áudios,

revistas e periódicos, entre outros documentos que remontam estas histórias. Diferentes exposições, temporárias ou permanentes, já passaram pelo museu e agora estão catalogadas e abertas para livre consulta no site do acervo, dispondo inclusive de informações exclusivas na plataforma.

Quanto ao futebol de mulheres, o texto “Notas sobre coleções de mulheres no acervo do museu do futebol” (Silva; Lima, s.d) dispõe um panorama interessante sobre o movimento de investigação feito pela instituição desde 2015 em busca de ser menos excludente. Ao criar um maior incentivo ao público, tanto para o acesso à informação quanto para a pesquisa, o museu faz um trajeto de revisitação do que significa o futebol enquanto gestualidade, mas também como as instituições que o representam, fez e faz com a presença feminina. Muitas vezes no passado, um processo de exclusão e apagamento, mas no presente um processo de resgate e exaltação dessa história apagada. Ao analisar objetivamente o movimento de integração do futebol de mulheres, foram levantados dados de comparação, a fim de observar o peso e a presença real desse tema.

Nas exposições permanentes presenciais do museu, no quadro “Times”, verificaram-se 121 equipes, sendo organizados a partir da sua cidade e estado de origem, seu ano de fundação e a existência de uma equipe masculina no mesmo clube. Dentro da análise, foi possível observar que: a maioria dos times estão nos estados de São Paulo (25), compondo cerca de 20,6% das equipes catalogadas, e no Rio de Janeiro (18), totalizando aproximadamente 14,8%; 45 das equipes possui também o esquadrao masculino (37,2%, aproximadamente), o que nos leva a considerar o fato que muitos destes provavelmente criaram suas equipes femininas muito depois da criação das masculinas, além de que as outras 76 possivelmente partiram de um processo comum de luta, desafiando o entendimento sexista que é extremamente resistente desde o início do esporte até os dias atuais.

A tabela “Origens e Heróis”, que engloba as salas homônimas, mostra 23 menções ao esporte feminino, sendo elas: 15 fotos, três ilustrações, duas pinturas e dois textos. Dentro desta exposição, nota-se que cerca de 30,4% (7) das imagens apresentam mulheres ativamente em uma partida de futebol e que aproximadamente 52,1% (12) das representações aconteceram na década de 1920.

A sala Almanaque da Bola, que faz um recorte sobre as curiosidades e dados interessantes sobre o esporte, contém 27 menções ao futebol feminino. No processo de análise, nota-se que cerca de 59,2% (16) das menções abordam exclusivamente características

ou a história do futebol de mulheres, enquanto 22,2% (6) dos registros, ao destacar aspectos mais gerais do esporte - como o que é uma “bicicleta” no contexto futebolístico -, utilizam ilustrações de jogadoras, traçando uma maior inclusão e ajudando a modificar o inconsciente coletivo que está acostumado com a imagem masculina associada aos campos.

A biblioteca pública do museu, em conjunto ao Acervo, reúne atualmente 15.593 itens como catálogos, livros, documentos, imagens, áudios, revistas e periódicos, entre outros documentos remontando a história do futebol. Referente ao futebol de mulheres, 28 títulos foram encontrados, e, em análise, observou-se que cerca de 64,2% foram escritos, exclusivamente ou não, por mulheres, enquanto somente 21,4% (6) têm somente homens como autores.

Em suma, o movimento de integração que o Museu do Futebol tem feito em seu espaço físico dá seus frutos em suas exposições e acervo, buscando transformar o imaginário social - moldado a séculos por forças de opressão, majoritariamente legais e institucionais -, fortalecendo a memória do futebol de mulheres e abrindo caminhos para novas gerações inspirarem-se em todos os corpos e rostos que estão presentes no esporte.

Ao analisar as exposições que a instituição já fez, tem-se acesso a quatro realmente focadas no futebol de mulheres. A mais antiga destas, “Visibilidade para o Futebol Feminino” foi um projeto de longa duração dentro do museu, entre 2015 e 2016, que, com um caráter investigativo, buscou tornar mais conhecida a história das mulheres que lutaram pelo direito de participar desse mundo do futebol. No trabalho, jogadoras como Marta e Formiga foram homenageadas na sala Anjos Barrocos – somando ao panteão de ídolos do futebol brasileiro, antes todos homens –, além da exibição criar um destaque para o futebol de mulheres em outros países, como Reino Unido e França, no qual encontram-se registros de jogos femininos desde 1881. A curadoria do CRFB e da pesquisadora e especialista no tema Silvana Vilodre Goellner fez com que essa discussão aparecesse pela primeira vez também sobre as salas permanentes do museu, iniciando o processo de integração do futebol de mulheres no espaço “oficial” da instituição. Durante o período da exposição, houve também diversos eventos com ênfase na discussão de gênero nesta prática corporal, o que enriqueceu todo o processo de integração.

A exposição “Contra-Ataque! As Mulheres do Futebol”, que ficou no espaço do museu durante um semestre, em 2019, propôs um manifesto, um “roubo da bola”, quanto à desigualdade no futebol, buscando mostrar as conquistas feitas pelas jogadoras, mesmo

quando fora da lei, na história do Brasil. Essa produção demonstrou como as mulheres tiveram de lutar para conquistar o direito ao jogo, uniformes adequados aos seus corpos, participação na gestão esportiva, na arbitragem, na imprensa e o direito também à livre circulação nas arquibancadas, criando-se um portal para essa história ser contada por quem realmente atravessou e superou todos esses obstáculos.

Uma questão interessante foi a autocrítica feita nesse momento, destacando que o próprio museu, desde sua inauguração em 2008, havia escolhido manter essa parte da história escondida, mas que, a partir de então, a posse da bola era das mulheres. A exposição de média duração contou com quatro curadoras: a ex-jogadora e dirigente Aline Pellegrino; a historiadora Aira Bonfim; a jornalista Lu Castro e a pesquisadora Silvana Goellner e foi levada à cidade de Araraquara com o formato itinerante, ocupando por três meses a Biblioteca Municipal Mário de Andrade no ano de 2023. A motivação foi a possibilidade de homenagear a própria cidade e a Associação Ferroviária de Esportes, que, por muito tempo, foi o único clube brasileiro a investir de maneira consistente no futebol de mulheres. Esse trabalho diminuto pode ser encontrado separadamente na plataforma do museu, na área “exposições itinerantes”.

Altmann e Jaco (2022) mencionam que os avanços e conquistas das mulheres no esporte são frutos de resistências, lutas e embates reivindicando o acesso igualitário às práticas esportivas pelas pessoas do gênero feminino. Nessa lógica, o Museu do Futebol, ao preservar a memória das mulheres que atuaram de diferentes maneiras nessa prática corporal, tem se tornado uma instituição parceira nesse processo de valorização e reconhecimento das práticas esportivas femininas.

Explorando as exposições exclusivamente virtuais, oito delas têm maior relevância quanto ao tema, porém cinco destacam-se nesta categoria temática por exaltarem duas figuras importantes do futebol de mulheres: Lea Campos (Bonfim; Alfonsi, 2019a) e Marileia dos Santos, a “Michael Jackson”, Asaléa de Campos Fornero Medina, originária de Abaeté, no estado de Minas Gerais, desde pequena desafiava os olhares maldosos para com as meninas que jogavam bola. Nascida em 1944, brincar de futebol nos recreios era mal visto e completamente desincentivado por todos(as), que tentavam direcioná-la para “práticas mais femininas”, como canto ou poesia. Por destacar-se na oratória e ter feito um discurso para o então presidente Juscelino Kubitschek em um evento na sua cidade, ganhou uma bolsa de estudos e foi estudar longe de sua família.

Depois de alguns anos, Campos tinha acumulado certa popularidade e passou a participar ativamente da vida política da cidade. Contatos criados a partir dessa experiência levaram-na a fundar a Torcida Organizada do Cruzeiro Acadêmico, que posteriormente permitiu que ela conseguisse o cargo de relações públicas dentro do clube. Nesse cenário, viajou acompanhando a equipe de jogadores e organizava as informações oficiais aos repórteres que cobriam os eventos esportivos. Essa relação acabou influenciando na sua escolha para a primeira carreira profissional: jornalista de esporte. Após um tempo de atuação e passagens pela Rádio Jornal e a Rádio Mulher, a então jornalista, em plenos anos 1960, frequentou cursos de arbitragem para o boxe e o futebol, algo inimaginável para muitas mulheres da época.

Desafiando a imprensa e o colegiado de árbitros, Lea seguiu com o curso, sendo severamente criticada, como nas diversas charges de Henfil, que ironizavam a sua iniciativa. Previsivelmente, a Federação Mineira de Futebol não emitiu seu diploma, mesmo com as excelentes notas e qualificação unânime. Como resposta, Lea, ao revelar o ocorrido para a imprensa, fez pressão na Federação que recorreu à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) - atual CBF. Mesmo refazendo diversas das provas que garantiram qualquer outra pessoa - ou melhor, qualquer outro homem - seu certificado, o de Campos foi rejeitado, sob a alegação de que a estrutura óssea feminina era inferior à do homem e por essa razão não seria outorgado o diploma de árbitro à Lea. Como último recurso, ela submeteu-se a uma bateria de exames, para provar que as argumentações da confederações não eram embasadas cientificamente. Insatisfeitos com as provas trazidas, a CBD recorreu à lei N. 3.199, que proibia as mulheres de participar em atividades “inapropriadas à sua natureza” e à menstruação, que seria um fator “impossibilitante”.

Essa batalha finalizou-se apenas em 1971, depois que Lea foi convidada para apitar o II Campeonato Mundial de Futebol Feminino no México. Para poder participar, fez uma campanha com a intencionalidade de recobrar seu diploma. Recolheu assinaturas, deu entrevistas, estudou legislações e usou de sua rede de contatos durante quatro anos, porém teve que recorrer ao inimaginável: fez uma entrevista com o então presidente, Emílio Garrastazu Médici. Como resultado, Médici ordenou à CBD que outorgasse o seu diploma de árbitra, e assim foi feito. Asaléa de Campos tornou-se a primeira juíza mulher do Brasil. Depois de apenas três anos de atuação, tendo viajado por diversos países e apitado várias partidas no território brasileiro, teve sua carreira interrompida por um grave acidente de

trânsito. Aos 29 anos, Lea viu-se fora dos campos, porém manteve-se como ativista pelo direito das mulheres de ocupar os espaços sem discriminações e, atualmente, é uma marca histórica de resistência.

As últimas exposições compõem uma série que retrata a emblemática “Michael Jackson”, tecendo sua trajetória em quatro partes: “A Michael Jackson: os primeiros chutes” (Bonfim; Alfonsi, 2019b), “A Michael Jackson: “livre” para jogar” (Bonfim; Alfonsi, 2019c), “A Michael Jackson: Seleção Brasileira e Europa” (Bonfim; Alfonsi, 2019d) e “A Michael Jackson: o legado” (Bonfim; Alfonsi, 2019e). A história de Mariléia dos Santos começa no interior do Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1963. A cultura de sua família de frequentar o campo do Santa Inácia F.C., nos anos 1970, fez a entrada de Leia – seu primeiro apelido – no gramado muito tranquila, já que a comunidade ignorava a lei que proibia os jogos com presença feminina. Aos 18 anos, a jogadora foi convidada pelo presidente do time Bangu Atlético Clube para jogar na capital. No ano seguinte, outro convite similar apareceu, mas desta vez do Esporte Clube Radar, que foi aceito por Marileia. Nesse time, dividiu o campo com diversas outras atletas relevantes na história do futebol de mulheres, como Pelezinha, Meg, Aninha e Elzinha. Foi aí que o apelido “Michael Jackson” surgiu.

A partir de 1983, com a derrubada da lei N. 3.199, a atleta chegou a jogar em 11 clubes só na primeira década: Associação Atlética Tupy, Ísis Pop, Coritiba Foot Ball Club, entre outros. Durante esses anos, Leia acumulava diversas vitórias, como o título de Tri-campeã gaúcha no Coritiba F.B.C., em 1985, e campeã do pentacampeonato Brasileiro e do hexacampeonato Carioca, quando voltou ao Esporte Clube Radar. Nos anos seguintes, observou o futebol de mulheres em crescimento no território nacional, já que cerca de duas mil equipes e 40 mil jogadoras estavam registradas, mesmo que a remuneração não se equiparasse às das equipes masculinas.

Diversos momentos importantes da história do futebol de mulheres contaram com a presença de Mariléia, e muitos foram moldados por ela. No Torneio Experimental realizado na China, em 1988, que serviu de teste para a Copa do Mundo do futebol de mulheres, a equipe brasileira já contava com a artilheira. Apesar das adversidades, as brasileiras surpreenderam no evento, trazendo para o Brasil a medalha de bronze, após derrotarem as anfitriãs. Em 1995, a jogadora fez parte do time que venceu o campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, que classificava as seleções para a Copa do Mundo, no qual também participou. A atleta ainda teve participação nos Jogos Olímpicos em 1996.



O legado da craque “Michael Jackson”, além dos títulos e inúmeras vitórias e gols marcados, é, especialmente, sua contribuição na desconstrução da ideia que mulheres não podiam jogar futebol, abrindo o caminho para que tantas outras jogadoras pudessem estar no lugar que quisessem, especialmente nos gramados.

Sem sombra de dúvidas, conhecer a história das pioneiras do futebol e reconhecer o seu legado para que novas mulheres possam atuar no mundo da bola (atletas, árbitras, narradoras, médicas, comentaristas, dentre outras) é uma questão fulcral. À vista disso, Goellner e Cabral (2022a) apresentam a trajetória de personagens importantes para essa manifestação da cultura corporal, em um momento que o corpo das pessoas do gênero feminino era considerado frágil, com a função específica da maternidade e sem possibilidade de realizar atividades “biologicamente masculinas”. Na perspectiva das autoras, é preciso potencializar a luta dessas atletas para que as novas gerações reconheçam a sua contribuição para os avanços sociais que vivemos atualmente.

Diante do exposto, é possível observar o longo e recente trabalho feito pelo Museu do Futebol em busca de resgatar a história do futebol de mulheres, integrando-o às suas exposições às memórias renegadas e escondidas. Desde expor o nome de todas as equipes profissionais femininas em seu catálogo até propor olhar a história de personagens importantes no contexto dessa prática corporal no Brasil, o trabalho de recuperação e organização desses dados mostra quão necessário é esse movimento de integração e o quanto é benéfico na construção de uma sociedade menos androcêntrica e excludente, finalmente mais verdadeira.

4 FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: DA PROIBIÇÃO A PARTICIPAÇÃO NAS COPAS DO MUNDO

O futebol de mulheres atualmente, no Brasil e no mundo, cresce em audiência a cada ano, ocupando mais o espaço de respeito que foi marginalizado por muito tempo. Essa realidade é advinda de um longo processo de oficialização por meio da história, iniciando seus campeonatos mundiais em 1988, porém lutando por valorização desde muito antes, sendo que, no Brasil, o processo de resistência ainda superou a proibição dessa prática corporal durante décadas. À vista dessa realidade, nessa categoria temática serão discutidos os materiais que tematizam as transgressões contra o veto ao futebol feminino e as competições posteriores a isso.

Em 1940, quando o governo de Getúlio Vargas proíbe o acesso de mulheres a esportes considerados maléficis às suas “condições naturais”, a opinião pública se mostra julgando as jogadoras, como mostrado em um recorte de carta de um cidadão do Rio de Janeiro, que escreve:

[...] dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (Cardoso *et al.*, 2015).

Todavia, torna-se importante destacar que esses impedimentos não foram suficientes para mitigar o futebol de mulheres. Pelo contrário, vê-se desde sempre grupos de resistência, recorrendo até às lonas de circo como refúgio dos olhares dessa sociedade excludente. Nesse debate tem-se também foco nas “pioneiras” - como Léa Campos (primeira árbitra FIFA) e a Rádio Mulher (canal da primeira narração esportiva feita por uma mulher) - e coloca em foco, em seguida, as Copas do Mundo Femininas individualmente, desde a primeira edição, em 1991, até a de 2015.

A reportagem “Mulheres, desobediência e resiliência” (Alfonsi; Aderaldo, 2019) narra o período no qual a prática do futebol de mulheres era proibida por lei no Brasil. Na década de 40 do século XX, o governo brasileiro emitiu um decreto – o Decreto-Lei N. 3.199 - de 14 de Abril de 1941 – estabelecendo que às mulheres não seria permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país – cabe ressaltar que essa legislação vigorou até 1979. Assim, o texto explora individualmente, perpassando por décadas, algumas histórias que desafiavam a lei imposta.

Na década de 1950, três experiências parecidas são retratadas. Mesmo que na ilegalidade, times – como Corinthians Pelotense e Vila Hilda, do Rio Grande do Sul, Palmeiras Futebol Clube e o Sociedade Esportiva Sanjoanense, de São Paulo, e Atlético e América, em Minas Gerais – que estavam organizando partidas, ao ganhar a atenção da imprensa, foram barrados e até mesmo proibidos de manter-se em funcionamento. Em seguida, o enfoque passa para os anos 1960, período em que as partidas resumiam-se a “eventos beneficentes”. Neste contexto, em busca de tornar a legislação mais maleável, os jogos eram realizados por atrizes e arrecadavam quantias que superavam até as partidas da modalidade masculina. Outro rótulo que era atribuído ao futebol feminino neste período era o

de recreação. Porém, isso tornava possíveis algumas reivindicações, como aconteceu com o Ponte Preta Futebol Clube, em Jacareí, quando disputavam com o time de Taubaté, ocasião em que as jogadoras afirmaram que o objetivo era acabar com mais esta discriminação odiosa.

Nessa conjuntura, Lima e Maldonado (2024) exploram as vivências da equipe Ponte Preta Esporte Clube na cidade de Jacareí/SP, utilizando-se do material documental encontrado no Arquivo Histórico do município e de entrevista feita com uma das atletas daquele time, a jogadora Luci Rocha. Historicamente encobertas, as manifestações corporais femininas passaram (e passam) por uma dificuldade no reconhecimento, que causa a diminuição no acesso para as novas gerações e leva-o a cair em desvanecimento. Como resposta a esse processo, a busca por redescobrir as histórias de cidades em que brotaram e brotam projetos que desafiam esse processo de apagamento se faz muito relevante, visto que é a única maneira de mantê-las vivas, principalmente na leitura crítica a partir da obtenção desse conhecimento.

Portanto, a história desse time no Vale do Paraíba, como explicita Luci, obteve reconhecimento em diversos locais em que houve jogos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Resende, entre outros municípios, guardando o legado dessas passagens. Porém, foi prejudicado em algo: a memória desse time não é prestigiada em seu próprio território. Os órgãos públicos seguem sem buscar a manutenção da memória que compõe as cidades desde suas raízes, não só no futebol. Assim, o artigo desses autores aponta a história de resistência dessa equipe e suas atletas, evidenciando as mazelas causadas por seu apagamento e esquecimento, ao enfrentar uma ditadura e proibição da prática por parte das mulheres, além dos preconceitos da sociedade que lhes desencorajava e julgava (Lima; Maldonado, 2024).

Na década de 1970, o mundo começava a organizar mundiais, sendo o primeiro na Itália – que reuniu cerca de 50 mil torcedores – e o segundo no México – que, por sua vez, reuniu cerca de 100 mil torcedores na final entre Dinamarca e México. Mesmo sem a participação do Brasil, o movimento reverberou em território brasileiro, como na formação da equipe feminina do Corinthians – que, controversamente, não foi abraçada pelo time masculino, já que os jogadores temiam ser proibidos de jogar, caso apoiassem o time feminino, já que a equipe nova não havia sido reconhecida pela Federação Paulista e Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Nos anos 1980, com a derrubada da lei e os movimentos feministas crescentes, o I Festival Nacional das Mulheres nas Artes sediou uma partida feminina em sua programação, organizada pela cantora, atriz e jogadora de futebol Rose Cordeiro Filardi, a “Rose do Rio”.

Mesmo que já legalizada, a prática ainda era mal vista e este foi um passo importante e desafiador, já que o evento não teve apoio do Conselho Nacional de Desportos (CND). Por fim, o foco da luta pelo futebol feminino vai para a regulação do futebol de mulheres, que aconteceu somente em 1983, quando

o desgaste do regime militar e os avanços dos movimentos sociais – incluindo os feministas – contribuíram para que a prática do futebol se fizesse realidade. Clubes e campeonatos surgiram em todas as regiões do país, dando vazão a uma demanda represada por mais de 40 anos (Alfonsi; Aderaldo, 2019).

A partir da regulamentação, outras exposições sobre futebol abordam a entrada das mulheres nas competições mundiais. A categorização de muitos dos dados quanto a esse tema entram na exposição permanente dentro do museu, que discute o contexto ao redor dos anos em que ocorreram todas as Copas Mundiais, tanto femininas quanto masculinas. Foram identificadas 78 referências ao futebol de mulheres e, em análise, verificou-se que 66 destas são fotografias e suas descrições, dentre as quais, cerca de 26,9% (21) fazem menção a uma Copa Mundial Feminina; quatro das citações acontecem em vídeos, todos de aproximadamente três minutos, que apresentam panoramas sobre a atuação das mulheres em diversos contextos do mundo da bola – desde a arbitragem até o futebol de vedetes.

A exposição “Primeiro Mundial de Mulheres na China” (Jacobs; Apolinário, 2023) explora um dos momentos mais emblemáticos na história do futebol de mulheres, baseando a pesquisa na única jornalista brasileira que cobriu o evento: Cláudia Silva Jacobs. A competição aconteceu em 1988 e destacou-se, não por ser a primeira que aconteceu, mas por seu reconhecimento pela FIFA. Cláudia, na época com 22 anos, era estudante de jornalismo e estagiária do Jornal do Sport, e foi designada para acompanhar a seleção brasileira por ser a única mulher do comitê de imprensa da CBF.

Na competição, a cobertura de Silva não aconteceu com tranquilidade. Os recursos eram escassos e havia pouco suporte do jornal, o que a fez gastar recursos pessoais para fazer a cobertura por completo. Esse material ajudou a compor o acervo do museu. As jogadoras também tiveram problemas que ocasionaram seu desfalque, por exemplo, no primeiro jogo contra a Austrália. O clima extremamente quente, o “jet-lag” e a difícil adaptação à alimentação dificultaram o processo. Outro obstáculo era o equipamento brasileiro, que não chegava aos pés das seleções adversárias, como expõe a jornalista: “o primeiro choque que

tive como profissional foi a distância que a gente estava [...] ver como as norueguesas e as australianas eram tratadas. O respeito pelo esporte foi um baque!” (Jacobs; Apolinário, 2023).

Porém, superando todos os obstáculos, a habilidade das brasileiras levou-as a uma semifinal impressionante: Brasil x China, em disputa pelo terceiro lugar. E, só para adicionar ao clima tenso de um estádio com mais de 35 mil torcedores(as), o jogo foi decidido nos pênaltis, finalizado com a vitória do Brasil, com o placar de 4 a 3. O evento terminou com o pódio composto por Noruega, Estados Unidos e Brasil, e o saldo positivo, além da experiência como um todo, pode ser visto na fala de Cláudia, ao mencionar que

[...] primeiro entendi que o Futebol Feminino deveria ser encarado seriamente, com profissionais preparados, reconhecidos e remunerados de forma justa. Depois como outros países tiravam o melhor resultado de seus talentos. Vi as dificuldades e a vontade dessas meninas que mudaram a história da modalidade no Brasil. E a elas devemos a semente do que temos hoje. Viva as pioneiras! (Jacobs; Apolinário, 2023)

Já “Rainhas de Copas” (Bonfim et al., 2023) foi a exposição temporária mais recente feita com o foco no futebol das mulheres. Aberta ao público durante quatro meses, em 2023, a produção explorava o desenvolvimento do futebol feminino desde 1988, quando foi realizado o mundial experimental, passando pelas conquistas da modalidade e das profissionais ao longo dos mundiais. Com curadoria de Aira Bonfim, Juliana Cabral, Lu Castro e Silvana Goellner, a exibição teve um enfoque maior nas Copas do Mundo Femininas e buscou mostrar, em comparação à modalidade masculina, como foi a evolução desse evento, mostrando questões como não ter sido televisionado na primeira edição, o debate sobre a falta de uniformes na seleção brasileira desde o início do megaevento esportivo até o ano de 2015, além de apresentar curiosidades e conquistas desse processo iniciado há quase 40 anos.

O trabalho também problematizou a participação e trajetória de atletas do futebol de mulheres do Brasil, tal como Sissi, Marta, Cristiane e Formiga, entre outras jogadoras, resgatando experiências a que o público não tinha acesso, por serem de acervo pessoal ou similar, (re)escrevendo essa história, até ali desconhecida, como ao apontar o posicionamento, por exemplo, da FIFA, ao organizar a primeira Copa feminina somente em 1991, depois de 60 anos do primeiro evento (masculino).

Goellner e Cabral (2022b) ajudam a compreender a participação das jogadoras brasileiras nas primeiras competições internacionais, como o Torneio Internacional de futebol de mulheres organizado pela FIFA, o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, a primeira Copa do Mundo dessa modalidade e a participação das atletas dessa prática corporal

em Olimpíadas. Esse processo histórico é apresentado a partir da memória de atletas que estavam ativas nesse momento, como Márcia Tafarel, Fanta, Marisa, Meg, Elane, Pretinha e Sueli.

Dessa forma, entende-se como os movimentos de resistência que culminaram no início dos campeonatos do futebol de mulheres fizeram parte de um movimento imensamente transgressor e intensamente ultrajado e barrado, perpassando décadas, cada uma com suas especificidades quanto a como essas transgressões eram e são compreendidas. Os materiais aqui retratados evidenciam que, a partir do fim da proibição do futebol feminino, advinda de um machismo embrenhado nas estruturas das sociedades, as mesmas ideias fizeram com que o esporte precisasse continuar em luta para garantir as mínimas condições de manutenção, mesmo depois de ser legalizado e “aceito”. Salienta-se, ademais, que essa busca ainda existe, tendo em vista que o esporte se mantém com poucos investimentos e continua superando os preconceitos.

5 PRÁTICAS CORPORAIS MARGINALIZADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AS MULHERES CONTRA-ATACAM

No cotidiano, é comum observar diversas referências à história do esporte brasileiro, tais como a estátua ao atleta Adhemar Ferreira da Silva, na Avenida Braz Leme – São Paulo, e as estátuas aos jogadores Garrincha, Nilton Santos, Jairzinho e Zagallo, expostas no Estádio Olímpico Nilton Santos – Rio de Janeiro. Iniciativas de preservação do legado desportivo em nosso país são imprescindíveis para a sua manutenção e imagem na memória popular, tanto nacional como internacionalmente. Porém, faz-se preocupante que as memórias femininas muitas vezes não estejam incluídas nesse processo, mesmo sendo tão memoráveis quanto outras, como a da jogadora Marta, seis vezes nomeada como a melhor jogadora de futebol do mundo. A construção desse imaginário unilateral, excludente, é uma ameaça, como explica a autora Chimamanda Adichie em sua palestra e livro “Perigos de uma história única”. Nesse cenário, a escritora elabora:

[...] É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna. É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas

depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva (Adichie, 2009, p. 6).

Contar o passado do esporte, qualquer que seja, citando um lado da história – apresentando apenas alguns de seus personagens – revela alguns aspectos dignos de nota: busca-se ofuscar e/ou esconder vozes, criando a narrativa do que é e o que podem ser os esportes, sem incluir uma significativa parte; quem são os escritores dessa história, quem está por trás desse apagamento e, mais importante, revela quem detém o poder de fazer essa escolha de narrativa. Possivelmente, os “donos” do discurso têm medo, pois sabem o poder de uma população – nesse caso, das mulheres e meninas – quando empoderadas de sua própria potência.

Ao pensar a Educação Física escolar – e a escola em completude – como meio possível para esse mesmo empoderamento, é imprescindível um processo pedagógico que leve em consideração os interesses e a produção cultural dos grupos subalternizados e oprimidos (Cavalcanti, 2022), tal como o futebol de mulheres, para que haja essa concretização. Na iminência dessa possibilidade e objetivo, mostra-se necessário entrar em campo, driblar as desigualdades e golear as opressões quando problematizamos a realidade desse esporte, para que assim possamos repensar as sociedades e reinventar as práticas didáticas com a mesma visão.

A partir dos materiais trazidos, há a possibilidade de se tratar essa temática com os(as) estudantes de diversas formas, buscando objetivos diversos. Na utilização dos elementos da categoria temática “o futebol de mulheres como espaço de resistência e luta”, se torna interessante estimular esse debate para enfatizar a história dessa manifestação da cultura corporal, pensando como esse processo aconteceu e ainda reverbera na sociedade. No mesmo aspecto, os componentes relacionados às equipes profissionais femininas e os que propõem olhar a trajetória de personagens específicas e importantes no contexto dessa prática corporal no Brasil podem ser problematizados na aproximação dos(as) discentes com essas pessoas, mostrando uma versão marginalizada dessa manifestação da cultura corporal para as novas gerações.

Contribuindo com essas reflexões, Oliveira e Maldonado (2020) buscaram, a partir da análise de periódicos da revista PLACAR sobre futebol de mulheres no Brasil localizados no Museu do Futebol em São Paulo, mostrar como essa prática corporal foi compreendida pela mídia por mais de quatro décadas. A autora e o autor enfatizaram que, durante muito tempo, a

respectiva revista produziu em seu discurso a espetacularização dos corpos das mulheres, dando ênfase nos aspectos físicos e suas relações interpessoais em vez de destacar suas habilidades técnicas. Porém, a imprensa adaptou-se ao longo das décadas, tomando diferentes narrativas perante a realidade das jogadoras e da sociedade em que se inseriram, vivendo como em uma corda bamba ancorada entre a erotização do corpo da mulher e o seu talento esportivo na modalidade, sendo essas análises alternativas que podem potencializar a leitura crítica do mundo as relações de gênero que atravessam essa prática corporal nas aulas de Educação Física no ambiente escolar.

Aguiar e Maldonado (2021), ao explorarem entrevistas realizadas com profissionais envolvidas no mundo do futebol existentes no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mencionam a potência de debater, nas aulas de Educação Física escolar, temas como a estrutura do futebol feminino no Brasil, na perspectiva de discutir a inexistência de espaços específicos para praticar esporte; a dificuldade de ter acesso a clubes para disputar campeonatos e o investimento e remuneração das jogadoras; assim como a falta de apoio a atletas em suas relações próximas (como família), o preconceito que sofrem, a pressão pela manutenção de um padrão de beleza e de um comportamento “feminino” pelas jogadoras, a hipersexualização e a objetificação de seus corpos.

No tema “futebol de mulheres no Brasil: da proibição à participação nas Copas do Mundo”, os elementos nela presentes são muito relevantes quando se busca tratar das dimensões discriminatórias acerca dessa prática corporal e seus movimentos de luta. A discussão quanto ao contexto brasileiro em cada marca – tanto da ilegalidade quanto dos campeonatos – pode ser muito frutífera quando levada às salas de aula por conectar o objeto de interesse – o esporte – à conjuntura político-social de cada época, além de problematizar a relevância desse debate no ambiente escolar. Portanto, torna-se relevante analisar o futebol de mulheres com os(as) estudantes para que possamos entender também como as sociedades controlam os corpos de todas as pessoas do gênero feminino, mas também enfatizar como os grupos oprimidos produzem resistência contra esse processo de alienação e controle.

Lima e Maldonado (2023), ao analisarem as publicações realizadas no Blog Dibradoras sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, apresentam a importância das mulheres que se engajaram para superar as desigualdades no esporte feminino, trazendo referências no futebol como Marta, Cristiane e Formiga, para que outras

meninas pudessem ter figuras de inspiração. Além disso, a autora e o autor destacam situações de protestos e propostas para mudar essa realidade, como o caso de uma torcedora iraniana que foi morta após assistir a um jogo de futebol, causando grande comoção naquele território, além de analisarem o tema da equidade salarial em vários países, entre atletas homens e mulheres, no contexto futebolístico e as experiências de escolas, em diversos cantos do Brasil, que ensinam meninas a jogarem essa modalidade esportiva.

Portanto, a função social da Educação Física escolar, a partir das problematizações sobre as dificuldades, obstáculos e resistências vividas e produzidas pelas mulheres no futebol, está relacionada à conscientização dos(as) educandos(as) sobre as relações de gênero que atravessam essa prática corporal, com a intencionalidade que eles(as) sistematizam leituras críticas sobre a realidade material opressora produzida pelo sistema capitalista no âmbito das manifestações da cultura corporal. Assim, ao tomarem essa consciência, existe a possibilidade da luta coletiva pela construção de um mundo mais justo, solidário e equitativo (Maldonado, 2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender o processo de resistência das mulheres que vivenciaram o futebol no território brasileiro, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física escolar. Para isso, foram realizadas análises no ambiente físico e nas exposições virtuais existentes no Museu do Futebol na cidade de São Paulo.

Com o trabalho de análise, entendeu-se que os elementos obtidos remontam a trajetória do futebol de mulheres, produzindo um rico panorama não só do esporte, mas também da sociedade que com ele se relaciona. Concluiu-se também que o próprio museu faz parte desse processo de luta e resistência, que ainda está em disputa e constante revisitação.

Sendo assim, a elaboração das categorias temáticas buscou agrupar conhecimentos e discussões para que pudessem ser problematizados nas aulas de Educação Física escolar, a fim de questionar como esse tema pode ser abordado de forma crítica e politizada.

Nessa perspectiva, entendemos que, com o intuito de cumprir a função social da Educação Física na Educação Básica – a tematização das práticas corporais e a problematização dos diferentes saberes produzidos pela humanidade – é de extrema relevância a incorporação do futebol de mulheres como tema. Portanto, as produções feitas

pelo Museu do Futebol podem ser usadas como ferramentas dos(as) docentes desse componente curricular durante os projetos educativos produzidos no cotidiano escolar, enriquecendo a abordagem dessa fonte de saberes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2020.

AGUIAR, Diovanna Stelmam Negeski; MALDONADO, Daniel Teixeira. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de Educação Física Escolar. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemeducacaofisicaescolar/article/view/3498>. Acesso em: 07 out., 2025.

ALCÂNTARA, Chellsea Hortêncio *et al.* Bolsa atleta e futebol de mulheres: caracterizando os últimos três ciclos olímpicos e as quatro copas do mundo. **Corpoconsciência**. Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/1725>. Acesso em: 14 out. 2024.

ALFONSI, Daniela; ADERALDO, Camila. **Mulheres, desobediência e resiliência**. Exposição virtual Museu do Futebol, junho, 2019. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/mulheres-desobediencia-e-resiliencia/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

ALMEIDA, Caroline Soares. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **Fúlia/UFMG**. v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>. Acesso em: 13 out. 2024.

ALTMANN, Helena; JACO, Juliana Fagundes. Esporte como direito social: sobre lutas e empoderamento das mulheres. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes, BOER, Raphael Albuquerque. **(Re)existir, (re)inventar, pesquisar**: entrelaçamentos de corpos, gêneros e sexualidades. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2022. p. 184-203.

BIRAN, Mark Daniel. As sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC feminino. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27005, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109357>. Acesso em: 13 out. 2024.

BONFIM, Aira; ALFONSI, Daniela. **Lea Campos, a primeira árbitra**. Exposição virtual Museu do Futebol, julho, 2019a. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/lea-campos-a-primeira-arbitra/#:~:text=Desde%20julho%20de%202019,a%20ser%20%C3%A1rbitra%20de%20futebol>. Acesso em: 10 mai. 2026.



BONFIM, Aira; ALFONSI, Daniela. **A Michael Jackson**: os primeiros chutes. Exposição virtual Museu do Futebol, agosto, 2019b. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-os-primeiros-chutes/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BONFIM, Aira; ALFONSI, Daniela. **A Michael Jackson**: “livre” para jogar. Exposição virtual Museu do Futebol, agosto, 2019c. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-livre-para-jogar/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BONFIM, Aira; ALFONSI, Daniela. **A Michael Jackson**: Seleção Brasileira e Europa. Exposição virtual Museu do Futebol, agosto, 2019d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-selecao-brasileira-e-europa/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BONFIM, Aira; ALFONSI, Daniela. **A Michael Jackson**: o legado. Exposição virtual Museu do Futebol, agosto, 2019e. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/a-michael-jackson-o-legado/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BONFIM, Aira et al. Rainhas de Copas. Exposição virtual Museu do Futebol, agosto, 2023. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/rainhas-de-copas/#:~:text=De%2028%20de%20abril%20a%20profissionais%20ao%20longo%20dos%20mundiais>. Acesso em: 10 mai. 2026.

BOSSLE, Fabiano. Educação Física Escolar crítica e educação libertadora: reposicionamento pela pedagogia do oprimido no processo de descolonização curricular. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Edição Especial, setembro, p. 6-19, 2021.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física Escolar**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 241-247.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CAVALCANTI, André dos Santos Souza. Movimentos negros e Educação Física – lutas, percursos e disputas por um protagonismo legítimo. In: CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI, André dos Santos Souza. **Educação Física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói: Intertexto, 2022. p. 134-148.

CARDOSO, Suzana et al. **Visibilidade para o Futebol Feminino**. Exposição virtual Museu do Futebol, outubro, 2015. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/visibilidade-para-o-futebol-feminino/>. Acesso em: 10 mai. 2026



CONTRA ATAQUE: as mulheres do futebol. Exposição virtual Museu do Futebol, outubro, 2019. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/novo-museu-do-futebol/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. ed., Porto Alegre, Artmed, 2009.

FORMOSO, Felipe Guaraciaba. Decolonialidade e Educação Física: epistemes e pedagogias outras como possibilidade de uma educação antirracista. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfísicaescolar/article/view/3733>. Acesso em: 14 out. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 14 out. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Ludopédio, 2022a.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. **Futebol e mulheres**: 7 histórias pioneiras. Porto Alegre: Editora Grecco, 2022b.

JACOBS, Claudia Silva APOLINÁRIO, Everton. **Primeiro Mundial de Mulheres na China**. Exposição virtual Museu do Futebol, outubro, 2023. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/primeiro-mundial-de-mulheres-na-china/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

LIMA, Ana Clara Bissoli; MALDONADO, Daniel Teixeira. Cultura corporal, relações de gênero e Educação Física Escolar: análise das publicações realizadas no blog Dibradoras. **Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia, v. 6, n. 1-30, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/15573>. Acesso em: 07 out., 2025.

LIMA, Ana Clara Bissoli; MALDONADO, Daniel Teixeira. Histórias de resistência no futebol de mulheres em Jacareí/SP: problematizações transgressoras na Educação Física Escolar. **Recordes**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-52, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/66610>. Acesso em: 07 out., 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar, pensamento freirano e pedagogia crítico-libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 39-59, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71968/38661>. Acesso em: 16 mai. 2024.



MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27006, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/109328>. Acesso em: 14 out. 2024.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e "mente"**. Papirus Editora, 1986.

NEIRA, Marcos. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NICOLINO, Aline da Silva; OLIVEIRA, Valléria Araújo, ROSA, Milena Louise Rodrigues. Futebol de mulheres! É preciso entrar em campo, driblar as desigualdades e golear opressões. **Corpoconsciência**. Cuiabá-MT, v. 28, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17246>. Acesso em: 14 out., 2024.

OLIVEIRA, Mariana Gomes; MALDONADO, Daniel Teixeira. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no Ensino Médio. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498>. Acesso em: 07 out., 2025

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009.

SILVA, Natália; LIMA, Taiane Anhanha. **Notas sobre coleções de mulheres no acervo do Museu do Futebol**, s.d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/narrativas/notas-sobre-colecoes-de-mulheres-no-acervo-do-museu-do-futebol/>. Acesso em: 10 mai. 2026.

SOUZA, Bruno Moreira. Descolonização do corpo negro nas aulas de Educação Física Escolar: corpos historicamente invisibilizados construindo liberdade. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1 – 19, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisaescolar/article/view/3741>. Acesso em: 14 out. 2024.